



O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

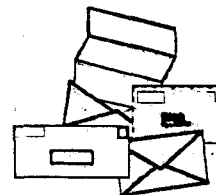


Cristo Ressuscitou! Verdadeiramente Ressuscitou !

“Se Cristo não ressuscitou é vã a vossa Fé e estais ainda em vossos pecados” (São Paulo, in I cor., XV, 17).

Santo Agostinho diz que, na Ressurreição há três coisas incríveis, que no entanto são fatos: A primeira, é que Cristo ressuscitou; a segunda, que persuadiu disso completamente a seus discípulos; a terceira que os discípulos conquistaram o mundo a essa verdade. O segundo fato supõe realidade do primeiro, o terceiro, a do segundo. Ora, o último, isto é o terceiro, temo-lo diante dos olhos: é a Fé da Cristandade.

Escrevem os Leitores



Estou enviando uma singela contribuição para o jornal "O Desbravador". Espero que muitas pessoas também colaborem, pois este jornal é simplesmente maravilhoso para a alma.

Já não existem mais jornais católicos deste porte, continuem lutando!

ALEXANDRE APARECIDO SEREGATI
LIMEIRA - SP

Meu esposo trouxe 2 revistas "O Desbravador". Eu li uma e já estou escrevendo para poder ter informações de como recebê-la, pois gostei muito. E acho que estas palavras chegaram na hora certa e nas mãos de quem realmente está precisando de um conselho, uma palavra amiga, uma oração, etc.

SHIRLEI SETTI PIRES
LINDOIA - SP

Confirmando minha correspondência de 14 de janeiro p. p., cumpre-me comunicar que, nesta data, deposei no Banco "Bradesco", na conta do Grêmio Cultural Santa Maria, a quantia de....., a título de pagamento da apreciada revista "O Desbravador", ou seja, da assinatura da mesma para ano de 2002.

No entanto, bem sei da luta titânica que é a de manter-se uma publicação de caráter religioso.

JOSÉ IGNÁCIO SOARES
PELOTAS - RS

Há alguns dias estando em casa dos pais de uma amiga, vi a revista "O Desbravador", e comecei lê-la por curiosidade e fiquei encantada com as reportagens.

Gostei do Editorial, principalmente da vida de São Francisco Xavier, fiquei maravilhada por tanta "Fé, Amor e Doação".

Este achado veio ao encontro do que estamos procurando.

MARIA ZÉLIA GEMIGNANI
SOROCABA - SP

Há vários anos me dão a felicidade de receber em casa tão sagradas palavras. A generosidade de vocês, sempre me deu grandes momentos de alegria.

ZENITH CARDOSO OLIVEIRA
FORTALEZA - CE

Imprimimos
com

RIPAX

Premlum
Quality
Paper

Laser 75

O DESBRAVADOR

PERIÓDICO BIMESTRAL DO GRÊMIO SANTA MARIA

DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO

PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
MARIA PAULA BRANCODE MATTOS

EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATTOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
MANOEL RAIMUNDOS MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059-970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

Nesta vida, quantas vezes nos sentimos tentados e provados. Nos momentos de angústia, de tribulação, nas doenças e na morte, nesses momentos, principalmente, nossa alma se vê em tremendas dificuldades.

Nessas horas não há remédio melhor que pensar na Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. É o melhor conforto, é o meio mais eficaz que temos para suportar as duras provas que então padecemos.

Sim, quando sofremos as angústias da vida, quem poderá melhor nos ajudar do que Ele, Nosso Senhor, que passou por angústias atrozes, principalmente no Jardim das Oliveiras? Ele que sofreu o abandono, a solidão, a dor atroz é, nas nossas dificuldades, quem mais nos acompanha e alivia.

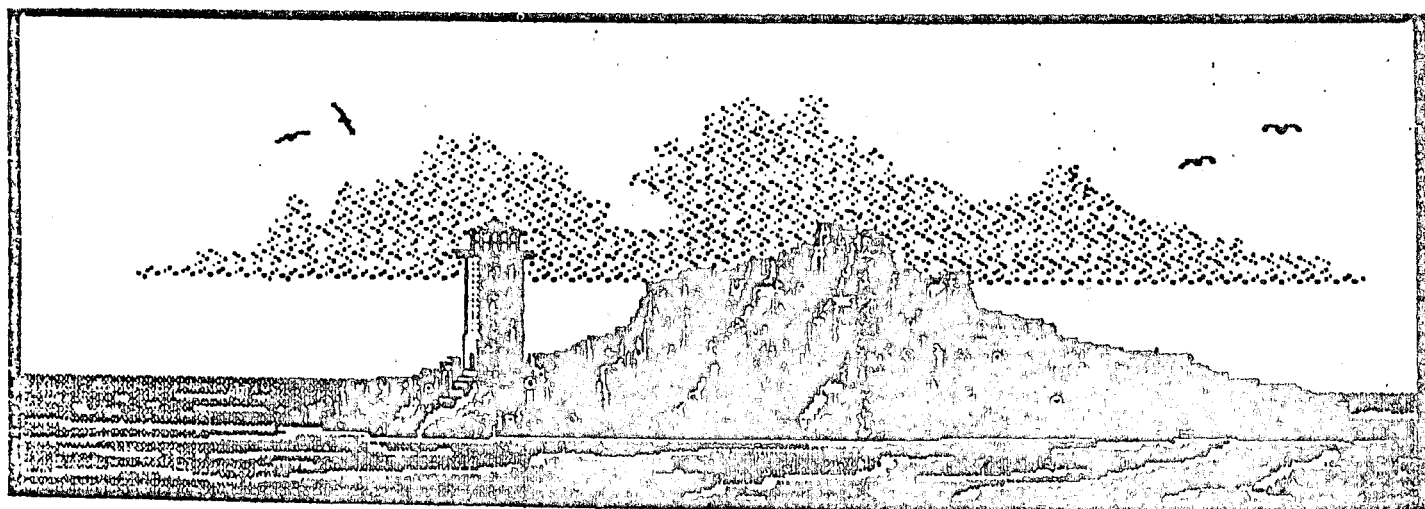
Nas horas que sofremos perseguições, calúnias, humilhações, quem pode melhor nos ajudar a suportar tais vicissitudes, que Ele, o Manso Cordeiro, que tudo sofreu com paciência e resignação?

Quando estamos doentes, é hora de ver que temos um leito, enquanto Nosso Senhor tinha o duro madeiro da Cruz. É hora de unir o nosso sofrimento, aos do Redentor e aceitar as cruzes da moléstia.

Enfim, na hora de nossa morte, devemos pensar que o Salvador morreu para que não sofrêssemos a morte eterna, para que alcançássemos o Céu, enfim morreu para que tivéssemos a Vida Eterna.

Tomemos então, hoje, a resolução de pelo menos por alguns instantes, e cada dia, olharmos para um crucifixo e pensarmos na Paixão de Cristo e então unamos nossos sofrimentos aos de Nosso Senhor e assim O consolaremos.

Que Nossa Senhora imprima em nossa alma as suas dores e as Chagas de Nosso Senhor para que tenhamos consolação nas nossas dificuldades e queiramos unir nossas dores àsquelas de Nosso Senhor, e nossas lágrimas às dEla, e enfim aproveitemos da Redenção alcançando a Eterna Salvação.



QUE ADIANTA?

Quando morre alguém importante, segundo o mundo, várias coisas ocorrem: muitos anúncios fúnebres nos jornais, muitas flores enviadas, discursos, homenagens e assim sucessivamente. Falam do falecido grandes coisas, como de ter sido grande na política, nas letras, nas artes, e assim por diante.

Mas, quando eu tomo conhecimento de uma morte dessas, outra preocupação me ocorre: sua alma, o destino de sua alma. Salvou-se e estará com Deus pelo séculos afora? Ou, condenou-se, e, então, foi para o inferno por toda a eternidade?

E, nesta última hipótese de que lhe valerão as homenagens prestadas, os discursos em sua homenagem, os elogios pós morte? Mais ainda, de que servirão ao falecido os cargos que teve, os prazeres que desfrutou, as fortunas adquiridas, a fama alcançada? - Simplesmente, nada.

Pelo contrário, serão talvez fatores de maior sofrimento, e, tormento no inferno. Mas, o que aqui afirmamos não vale só para o falecido famoso aludido. Vale para mim, que escrevo, para você que me lê, para todos os homens.

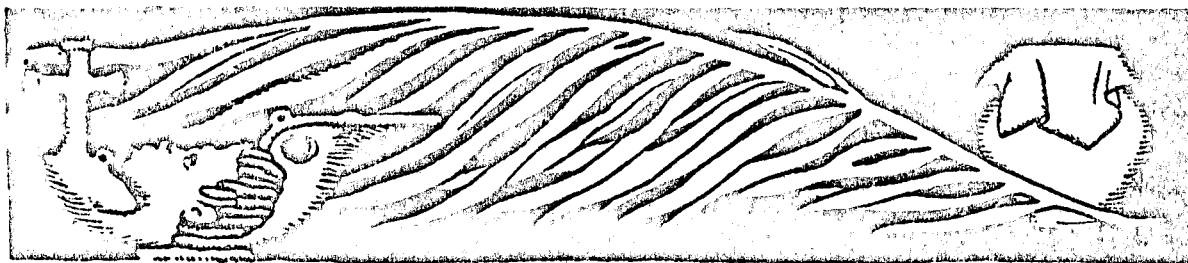
Nosso Senhor já disse de forma sublime: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier perder a sua alma?" (Mt XVI, 26). E toda a nossa vida não servirá para nada se nos condenarmos e formos para o inferno para sempre. Não estamos neste mundo para ganhar dinheiro, ter fama, e conseguir prazeres. Estamos nesta curta vida como passageiros que devem alcançar o céu, e para isso devemos fazer tudo o que for necessário, renunciar a tudo se preciso for, desde que nos salvemos.

Os condenados ao inferno, nada lucram hoje dos prazeres com os quais compraram o inferno, e nada jamais lucrarão.

E dizer que Nosso Senhor fez tudo para que não fôssemos para o inferno. Que coisa terrível será para nós sermos condenados, sabendo que Deus morreu na cruz para que ali não caíssemos.



Não estamos, porém, no inferno. Estamos vivos, e podemos e devemos nos salvar. Começamos já a trilhar o caminho para o céu. Para começar rezemos a Nossa Senhora, pedindo o seu auxílio. Começamos, agora, rezando uma Ave-Maria.



Santo Aleixo

Aleixo era filho de Eufemiano, homem da alta nobreza romana, e o primeiro na corte do Imperador: Eufemiano tinha centenas de empregados. Era caridoso, e todos os dias ele montava em sua casa três mesas para os pobres, os órfãos, as viúvas e os peregrinos que servia com ardor; e na hora nona, tomava a sua refeição no temor do Senhor com personagens religiosos. A sua mulher Aglaé tinha a mesma devoção e os mesmos gostos.

Aleixo recebeu boa instrução. Seus pais lhe ensinaram com palavras e exemplos que a ajuda que se dá aos pobres se converte em tesouros para o céu.



Ao chegar a idade da puberdade, escolheram uma esposa da casa do Imperador, e com a qual, acedendo à vontade dos pais ele casou. Logo após a cerimônia, inspirado por uma graça, ele resolve fugir pois queria consagrar-se inteiramente a Deus. Após o que tomou os seus bens, embarcou às escondidas em um navio que rumava para Edessa, cidade da Síria. Ao chegar, distribuiu aos pobres as ricas roupas que havia trazido, vestiu roupas simples, e juntou-se aos outros pobres que permaneciam sob o pórtico da igreja da Virgem Maria. Guardava da esmola apenas o suficiente para sobreviver; o resto, dava aos pobres. Contudo, seu pai, inconsolado pelo desaparecimento de seu filho, enviou os seus servidores para procurá-lo por todos os países. Alguns vieram a Edessa e Aleixo reconheceu-os; mas eles não o reconheceram, chegando até mesmo a dar-lhe esmola como aos outros pobres. Ao aceitar, agradeceu a Deus dizendo: "Eu vos dou graças, Senhor, que me faz receber esmola dos meus próprios empregados".



Ao regressarem, anunciam a Eufemiano que não o encontraram em nenhum lugar. Quanto à sua mãe, desde o seu desaparecimento, estendeu um pano no chão de seu quarto, e no meio das suas vigílias, dizia: "Permanecerei aqui em luto, até encontrar o meu filho". A esposa de Aleixo, diz para sua sogra: "Enquanto não receber notícia do meu muito caro marido, permanecerei na solidão com vocês,".



No 17o ano que Aleixo servia a Deus sob o pórtico que referimos acima, uma imagem da Santíssima Virgem que ali se encontrava diz ao guarda da igreja: "Faça entrar o homem de Deus, porque ele é digno do reino do céu e o Espírito Divino paira sobre ele, sua prece se eleva como o incenso na presença de Deus". E como o guarda não sabia do que a Virgem falava, acrescentou: "É o que está sentado na parte externa da igreja". Este então apressa-se em fazer entrar Aleixo na igreja.

Este fato chegou ao conhecimento do público, que pôs-se a dar-lhe mostras de veneração; mas Aleixo, fugindo da vanglória, deixa Edessa e segue para Laodiceia, onde embarca na intenção de ir para Tarso; entretanto Deus dispõe de outra maneira, porque o navio, empellido pelo vento, aborda no porto perto de Roma. Quando Aleixo percebe isso, diz consigo mesmo: "Permanecerei desconhecido na casa do meu pai e não ficarei a cargo de nenhum outro".



Encontrou seu pai que retornava do palácio cercado de uma multidão de pessoas de serviço, e começou a gritar: "Servidor de Deus, sou um peregrino, faça-me receber em sua casa, e deixa alimentar-me das migalhas da tua mesa, para que o Senhor tenha piedade de ti, de tua criadagem, que também são peregrinos". Ouvindo estas palavras, Eufemiano, por amor de seu filho, recebe-o, dá-lhe um lugar especial em sua casa, envia-lhe alimento da sua mesa; e encarrega uma pessoa para atendê-lo.



Aleixo persevera na oração, macera o seu corpo com jejuns e vigílias. Os empregados da casa caçoam dele a todo momento; freqüentemente jogam sobre sua cabeça restos da água que se serviram, e o cobrem de ofensas; mas ele suporta tudo com uma grande paciência. Residiu assim desconhecido durante dezessete anos na casa de seu pai.

Vendo em espírito que o termo da sua vida estava próximo, pediu papel e tinta, e escreveu a narrativa de toda sua vida.



Num dia de Domingo, após a missa solene, uma voz se fez ouvir no santuário dizendo: "Vinde a Mim todos que trabalham e que estão cansados e Eu os aliviarei". Ao ouvir isso, todos se assustaram; e lançaram-se com o rosto por terra, quando uma segunda vez, a voz fez-se ouvir dizendo: "Procura o homem de Deus para que ele reze por Roma". As buscas não conduzem a nada e a voz diz outra vez: "É na casa de Eufemiano que devem procurar". Perguntam a ele, que diz não saber de quem se tratava.



Então o Imperador Honório e o papa Inocêncio I vão até a casa de Eufemiano e encontram o responsável de Aleixo que comenta com seu amo: "Veja, Senhor, se não é o nosso peregrino, porque realmente é um homem de uma grande paciência". Eufemiano correu imediatamente, mas encontrou-o morto. Vê a sua figura resplandecente como a de um anjo; em seguida quis pegar o papel que tinha na mão, mas não o consegue. Ao sair narra este detalhe ao Imperador e Pontífice que, entrando no lugar onde estava o peregrino, dizem: "Embora sendo pecadores, temos contudo o governo do reino e um de nós tem o encargo do governo pastoral da Igreja, dê-nos este papel para que saibamos o que aí está escrito". O Papa aproxima-se segura o papel, e a mão de Aleixo o solta imediatamente.



Inocêncio I manda ler o bilhete na frente de todo o povo, na presença do próprio pai. Eufemiano então, ao ouvir aquilo, foi tomado de uma grande dor; e sem poder pronunciar palavra prostrou-se por terra em grande pranto. O mesmo fizeram a mãe e a esposa de Aleixo.

O povo ao ver este espetáculo verte abundantes lágrimas. O Pontífice e o Imperador colocam o corpo sobre uma rica maca, e conduzem-no pela cidade.

Anuncia-se ao povo que tinham encontrado o Homem de Deus que todos os cidadãos procuravam. Todos correm diante do santo. Havia alguém doente? Tocava-se este santo corpo, e imediatamente era curado; os cegos recobravam a vista, possessos do demônio eram aliviados; todos os que sofriam qualquer enfermidade recebiam cura.

Os nobres, vendo todos esses prodígios, quiseram levar eles mesmos, o corpo fúnebre, para serem santificados também por este corpo santo.



Por fim, após grandes dificuldades chega-se à igreja de São Bonifácio, mártir. Deixam-no nesta igreja sete dias que foram consagrados a orações. Durante este tempo edificam um túmulo com ouro e pedras preciosas, onde se coloca o santo corpo com grande veneração. Dele emana um odor tão suave que todos pensavam estar ele cheio de aromas.

Santo Aleixo morreu a 16 de Agosto, no ano de 398.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ♦ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ♦ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ♦ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ♦ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

Não podemos desanimar

O verdadeiro católico anseia e quer a maior glória de Deus. Procura o bem das almas e a honra da Santa Igreja Católica.

Nesse sentido ele procura cooperar na medida de suas forças, com essas metas. Ele fala, ele reza, ele luta, ele brada, para que Deus seja servido.

Mas, chega uma hora em que ele se depara com um quadro profundamente devastador. O quê ele vê diante de si?

Vê uma crise moral e de valores devastadora: criminalidade, abortos, homossexualismo, práticas satânicas, famílias destruídas, juventude sem rumo e perda, enfim, um triste e horripilante quadro.



Por outro lado, nos meios católicos, se assiste uma crise de Fé, como poucas se viu na História. Sem nos alongarmos na enumeração de fatos, só citaremos um: o desrespeito ao Santíssimo Sacramento. Pessoas que comungam de forma não respeitosa, e pior pessoas que comungam sem estarem na graça de Deus, e que não se confessam.

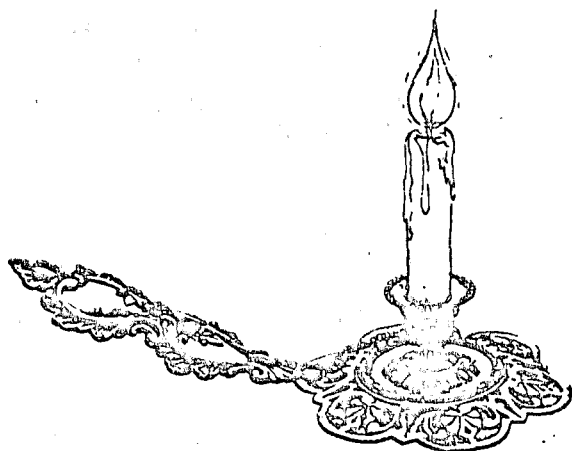
Frente a esta situação a tentação é de desânimo, e julgar que tudo está perdido, que de nada adianta dedicar a vida para Deus, as almas e a Igreja. Por outro lado a tentação diz que ele é sozinho, e que uma andorinha não faz verão, e que deixe os sonhos e “vá cuidar da vida”, “vá ganhar dinheiro” e assim por diante. Ante estas tentações de desânimo, temos muitas coisas a dizer.

Em primeiro lugar, que para a glória de Deus, o que vale é o amor e a intenção com que trabalhamos por Ele. E, se nada conseguimos, “Deus é, e basta”, dizia São Francisco de Assis. E: “Só Deus basta!” falava em magistral poesia Santa Teresa de Jesus. Por outro lado, se formos o último católico autêntico, que maravilha, se estivermos mantendo a chama da Fé. Estaremos imitando a Nossa Senhora, que, no Sábado Santo, após a Paixão manteve a Fé no mundo, ao ser a que acreditava na Ressurreição.

Além disso, devemos considerar que se evitamos um só pecado, nossa vida teve sentido. Santo Inácio ficava horas conversando com pecadoras públicas de Roma para convertê-las e quando lhe diziam que ele nada conseguiria, respondia que enquanto elas conversavam com ele não estavam pecando, e se ele conseguisse evitar um só pecado, sua vida já valera a pena ser vivida.

Mas, por fim, não nos devemos esquecer, que apesar de nossas misérias, Deus sempre vencerá.

Ainda estão firmes e valiosas as promessas de Nosso Senhor segundo as quais “as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja” e, estão bem vivas as palavras de Nossa Senhora em Fátima: “Por fim o Meu Imaculado Coração triunfará”.



Sobre a Sagrada Paixão de Nosso Senhor

I. A meditação da Paixão de Cristo esclarece o nosso entendimento.

Sabendo os santos quão agradável é a Jesus Cristo a recordação constante de sua Paixão, estavam sempre ocupados em meditar continuamente nas dores e ultrajes que este amável Salvador sofreu durante toda a sua vida, mas, em especial no fim da mesma. Oh ! Quanta luz nos traz a meditação de um Deus que padece por nós !

II. A Paixão de Cristo nos faz conhecer a Justiça e a Misericórdia de Deus.

Segundo São João Crisóstomo, não é tanto o inferno com o qual Deus castiga o pecador, como a vista de Jesus Cristo na Cruz que nos dá uma idéia do rigor da Justiça divina, pois no inferno são as criaturas que são castigadas por seus pecados, na Cruz, porém padece um Deus para expiar os pecados dos homens. Estava Jesus Cristo talvez obrigado a morrer por nós ? De nenhuma forma, responde Isaías, "foi sacrificado porque Ele mesmo quis" (Is. 53, 7). Ele podia com toda a justiça abandonar o homem à sua ruína, livremente escolhida; seu amor, porém não permitiu entregar-nos à perdição eterna e por isso, quis submeter-se a uma morte tão dolorosa para obter-nos a salvação. "Ele nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Ef. 5, 2).

Deus amou o homem desde toda a eternidade. "Com amor eterno amei-te eu" (Jer. 31, 3). Vendo-se, porém sua justiça obrigada a condenar o homem e a lançá-lo eternamente no inferno, sentiu-se levado por sua misericórdia a inventar um meio de o salvar. E que meio foi

esse ? Devia em pessoa satisfazer a Justiça divina por meio de sua morte. O Senhor quis por isso que o decreto que condenava o homem à morte eterna fosse pregado na Cruz e apagado com o seu sangue.

Por esse mesmo motivo Jesus Cristo, ao morrer na Cruz em satisfação de nossos pecados, só tinha palavras de compaixão para conosco. Ele pediu a seu Pai que usasse de misericórdia não só com os judeus que desejavam a sua morte, como também com os verdugos que o executaram: "Pai perdoai-lhes porque não sabem o que fazem" (Lc. 23, 34). Em vez de castigar os dois ladrões que blasfemavam, o Divino Salvador prometeu a um deles, que lhe pedia misericórdia, no excesso de sua compaixão, que lhe daria o paraíso naquele mesmo dia: "Em verdade Eu te digo que hoje estarás comigo no Paraíso (Lc. 23, 43). Do alto da cruz Jesus Cristo nos deu a todos na pessoa de São João, a SSma. Virgem por Mãe" (Jo. 19, 27). Na Cruz deu-se Ele por feliz, por ter feito tudo o que exigia a nossa salvação e terminou o seu sacrifício dando a sua vida por nós.

Assim, pela morte de Jesus Cristo, o homem foi libertado do pecado e do poder do demônio; foi integrado na graça de Deus, e, mesmo em maior graça do que a que perdera pela queda de Adão: "Quando abundou o pecado, superabundou a graça" (Rom. 5, 20).



III. A Paixão de Cristo mostra o amor do Eterno Pai para com os homens.

"Assim amou Deus o mundo, diz Nosso Senhor, que nos deu o seu Filho unigênito" (Jo. 3, 16).

Devemos considerar nessa dádiva, quem é que no-la faz; segundo, o que nos é dado; e, terceiro, com que amor é ela feita.

1. Quanto é mais nobre aquele que nos presenteia, tanto mais valiosa é a dádiva. Se alguém recebe uma flor da mão de um rei, ele a

preza mais do que um presente valioso, recebido de outra pessoa. Em que consideração não devemos ter uma dádiva que nos vem do próprio Deus !

2. E qual o presente que Deus nos fez ? É o seu próprio Filho. Para o amor que Deus nos tinha, pareciam pouco todos os outros bens que ele nos tinha dado; queria dar-nos a Si mesmo na Pessoa de seu Filho humanado. "Ele não nos deu nenhum servo, nenhum anjo, mas, Seu próprio Filho unigênito", diz S. Crisóstomo (Hom. 26 in Jo.).

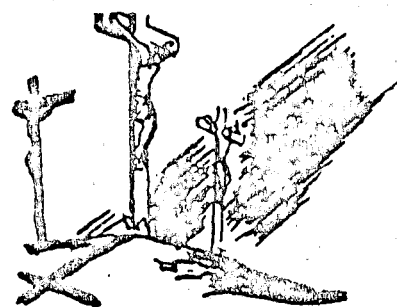
3. E por que Ele fez isso ? Por nenhum outro motivo senão por amor. Pilatos entregou Jesus aos judeus por temor; o Padre Eterno deu-nos o seu Filho unigênito por amor. Se alguém nos dá alguma coisa o primeiro benefício que recebemos, segundo S. Tomás (I q. 38, a. 2) consiste no amor que o doador patenteia pelo presente, pois que a causa única de um verdadeiro presente é o amor; o presente perde o caráter de um verdadeiro presente, quando é dado por um outro motivo fora do amor. O presente, porém, que o Eterno Padre fez de seu divino Filho, foi um verdadeiro presente que Ele nos deu sem que tivéssemos o mínimo direito a Ele. E, por isso foi que a Encarnação, como nota o mesmo Santo Doutor, foi operada pelo Espírito Santo, isto é, pelo amor (III, q. 32, n.1).

Deus, porém, não só nos deu seu único Filho por puro amor, Ele no-lo deu com amor infinito. Foi justamente isso que Nosso Senhor queria significar quando disse: "Tanto assim amou Deus o mundo". A palavra "tanto assim", diz S. Crisóstomo (Hom, 26 in Jo), significa a grandeza com que Deus nos fez este inefável presente. Que maior amor poderia Deus nos mostrar do que condenar à morte o seu Filho inocente para nos remir a nós, miseráveis pecadores ? "Não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O por todos nós" (Rom. 8, 32) .

Que dor não deveria sentir o Padre Eterno, se ele estivesse sujeito à dor, vendo-se obrigado, de certo modo, por sua Justiça, a condenar à morte tão cruel e degradante este seu Filho, que Ele amava tanto como a Si

mesmo ! O Senhor O queria vê-LO consumido pelas dores (Is. 53, 10) .

A vista da grandeza do amor de Deus para conosco, exclama S. Paulo: "Deus, que é rico em misericórdia, pela extremada caridade com que nos amou, ainda quando estávamos mortos pelo pecado, nos deu vida , justamente em Cristo" (Ef. 2, 4) . O Apóstolo diz: pelo excessivo amor com que nos amou. Mas, como poderá existir em Deus um excesso ? O Apóstolo assim se exprime para nos mostrar que Deus fez pelo homem coisas que não seriam acreditadas por ninguém, se a Fé não nos convencesse delas. Por isso a Igreja exclama, fora de si de admiração: Ó admirável condescendência de Vosso amor para conosco ! Ó infinito amor de nosso Deus, que para libertar o servo, entregou o seu próprio Filho!



IV. Por sua Paixão Jesus Cristo dá a conhecer quanto Ele nos ama.

É um dogma que Jesus Cristo nos amou, e que por nosso amor se entregou à morte. Quem poderia matar a um Deus onipotente, se Ele mesmo por livre vontade, não quisesse morrer por nós ? "Eu dou a minha vida, e ninguém a tira de mim, mas Eu mesmo a entrego" (Jo. 10,17), diz o Salvador. E, por isso, diz S. João que Jesus Cristo, com a sua morte nos deu a prova mais evidente possível de seu amor. Com

a sua morte Jesus Cristo nos deu uma prova tão clara de seu amor, nota um piedoso escritor, que não lhe ficou mais nada para convencer da grandeza de seu amor. Na consideração da palavra: “Tenho sede”, pronunciada por Jesus agonizante na cruz, diz S. Lourenço Justiniano (De Tr. Chr. Ag., c. 19). Que esta sede não provinha da necessidade de beber, mas da ardente chama de seu amor para conosco. Com estas palavras o divino Salvador não queria tanto dar a conhecer sua sede corporal, como o seu desejo de sofrer por nós, do mesmo modo como quis Ele mostrar por suas dores todas o seu amor para conosco e o ardente desejo de ser amado por nós. São Basílio de Selêucia acrescenta, o que Jesus disse que tinha sede, para nos dar a conhecer que Ele morria por amor, de nós com o desejo de padecer ainda mais por nós, de tal modo que este desejo foi o maior de todos os sofrimentos que padeceu realmente.

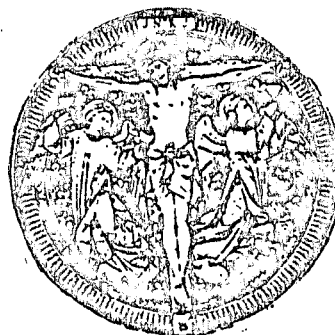
Quem compreenderá jamais o amor que o Verbo Divino tem a cada um de nós? pergunta São Lourenço Justiniano. Ele sobrepuja imensamente o amor de um filho para com a sua mãe e o de uma mãe para com o seu filho. Ele é tão grande que Nosso Senhor revelou a Santa Brígida (Rev. 1. 7, cap. 14). Que ele estaria pronto a padecer a morte tantas vezes quantas são almas que se acham no inferno, se elas ainda fossem capazes de redenção. Segundo São Tomás (III q. 47, a.4) o Divino Redentor, justamente para nos mostrar o seu amor imenso, pediu a Deus perdão para os seus algozes (Lc. 23, 34). Ele pediu perdão e foi atendido, de forma que depois de O verem morto, se arrependiram de seus pecados.

“E que vos importava, ó Bom Jesus, digo eu com São Bernardo, que vos importava se nos perdêssemos e fôssemos castigados como merecíamos? Por que quisestes sofrer em vosso corpo inocente os castigos devidos a nossos pecados? Por que quisestes morrer, ó divino Mestre, para nos livrar da morte? Oh! Maravilha, que jamais se deu igual e nunca mais se repetirá! Oh! Graça, que nunca podíamos merecer! Oh! Amor, que jamais

poderemos compreender! Oh! meu amadíssimo Salvador! Exclama, suspirando, São Bernardo, que crime cometestes para que fôsseis condenado à morte, e à morte da cruz! Ah! Bem sei, continua o santo, conheço a causa de vossa morte; sei que pecado cometestes: Vosso crime é vosso excessivo amor pelos homens; foi ele e não Pilatos, que Vos condenou à morte. Não, eu não vejo outra causa de vossa morte do que vosso excessivo amor por nós, exclama São Boaventura (Stim. div. am; pl. C.2). Em verdade, conclui São Bernardo, um tal excesso de amor obriga a consagrar-vos, ó amável Redentor, todos os afetos de nosso coração”. (Sermo 20, in cant.).

Além disso, devemos pensar que o Divino Salvador padeceu em especial por cada um de nós tudo o que Ele sofreu durante a sua paixão: “Vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”, diz São Paulo (Gal. 2, 20). O que diz o Apóstolo deve também dizer cada um de nós. Por isso escreve Santo Agostinho (De dilig. D. c. 6) que o homem foi resgatado por um tão grande preço e ele parece valer muito mais do que o próprio Deus. E o santo ousa até acrescentar: Senhor, Vós não só me amastes como a Vós mesmo, mas, até mais que a Vós, porque quisestes sofrer a morte para dela me livrardes (Sol. am. Ad S. c. 13).

(Santo Afonso Maria de Ligório)



SÔBRE OS CARTUXOS

A Ordem dos Cartuxos foi fundada na Idade Média. Os Cartuxos vivem em clausura, e se dedicam à oração, à penitência, ao trabalho num clima de silêncio. Eles só falam entre si num pequeno espaço do dia.

Dessa Ordem se disse no passado que “nunca foi reformada, porque nunca foi deformada”. No tempo de Pio XII, pensou-se em abrandar o seu rígido sistema de vida, a propósito de saúde. Os próprios cartuxos não quiseram a modificação, e, para comprovar que o seu modo de vida era bom, mandaram alguns membros da Ordem para Roma, todos com mais de 90 anos. É tal o rigor da Ordem que seus membros à exceção de seu fundador, não são canonizados.



Certa ocasião, enquanto trabalhava arando a terra, um cartuxo descobriu um corpo intacto, de um confrade morto há séculos. Enlevado pela descoberta, correu a narra a maravilha ao superior. Com gestos pediu para falar, dada a excepcionalidade do fato. Autorizado contou ao superior o fato extraordinário. Qual não foi a sua surpresa ao ver a reação do superior. Este recomendou que enterrasse novamente o corpo e evitasse comentar o acontecido, com isso queria evitar que a vaidade e a soberba tomassem conta dos confrades.

Nos tempos da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas os cartuxos estiveram a ponto de se extinguirem.

Por causa da desordem na Europa, por causa das guerras, por causa das perseguições religiosas, os cartuxos estavam apenas com um mosteiro, com uma única Cartuxa. Para piorar, por cerca de vinte anos, as guerras de Napoleão empurrava esta Cartuxa de um local para outro, de uma região para outra. Quando parecia que eles se fixariam numa cidade, uma batalha os empurrava para outro recanto. Foi assim até o fim do período napoleônico.

Humanamente, a Ordem teria acabado.

Mas, ó surpresa, ó maravilha: na sua caminhada pela Europa, no seu périplo por vários países, na sua fuga da guerra, foram fundados nas mais diversas regiões cerca de vinte conventos, fato este que evitou a destruição da Ordem, e propiciou a continuação de sua existência benfazeja. Para a glória de Deus e bem das almas.

O exemplo dos cartuxos, sua vida de oração, suas penitências, tinham atraído dezenas de jovens para o serviço de Deus nessa gloriosa ordem.



SANTA PELÁGIA



Pelágia, mulher da cidade de Antioquia, possuía bens e riquezas em abundância. Dotada de uma beleza extraordinária, orgulhosa e frívola na sua maneira de ser, manchava seu espírito e corpo na impureza. Quando ia passear pela cidade, fazia-o com tal ostentação que só se via sobre ela ouro, prata e pedras preciosas; por toda a parte onde ia, enchia o ar com o odor de toda espécie de perfumes. Era precedida e seguida de uma multidão imensa de jovens raparigas e de jovens rapazes também cobertos de trajes suntuosos. Um santo padre chamado Nono, bispo de Héliopolis, hoje Damietta, vendo-a, pôs-se a chorar amargamente por ela fazer mais para agradar ao mundo do que ele mesmo fazia para agradar à Deus. Caindo de joelho, golpeava a terra com o seu rosto e a umedecia com suas lágrimas, dizendo: "Grande Deus!" Perdoai-me, miserável pecador que sou, pois esta mulher de maus costumes dedicou mais tempo em ornar seu corpo por um só dia do

que eu me dediquei em toda minha vida para salvar-me.

Oh Senhor, que os ornamentos de uma pecadora não sejam para mim motivo de confusão quando comparecer na presença de vossa temível majestade. Ela está ornada com os cuidados mais delicados para as coisas da terra, e eu que me propus servir a meu Imortal Senhor, fui bastante negligente em não cumprir a minha promessa".



Em seguida este padre diz às pessoas que se encontravam com ele: "Em verdade vos digo que Deus se voltará contra nós no dia do juízo, porque ela se enfeita com cuidado para agradar aos amantes sobre a terra, enquanto nós negligenciamos de agradar ao Celeste Esposo."

No momento que dizia estas coisas e outras mais ou menos semelhantes, ele adormece de repente, e vê em sonho uma pomba preta e com mau odor voar em torno dele enquanto celebrava a missa. Quando disse aos catecúmenos para se retirarem, a pomba desapareceu e retornou após a missa. Então o bispo mergulhou-a num vaso cheio de água e a pomba saiu limpa e branca: voa em seguida tão alto que fica impossível vê-la. Por fim o bispo volta a si.



Certa ocasião em que ele pregava, Pelágia estava na igreja. Ela fica tão impressionada com suas palavras que lhe escreve uma carta nos seguintes termos: "Ao Santo Bispo, discípulo de Jesus Cristo, Pelágia, discípula do diabo. Se quereis dar uma prova de que sois realmente discípulo de Jesus Cristo, que segundo entendi desceu dos céus para salvar os pecadores, condescendei em me receber como pecadora, mas arrependida".

O Bispo lhe responde: "Peço-lhe de não pôr a minha humildade à prova, pois também sou um homem pecador. Se quereis a salvação, deverá procurar-me quando estiver com outros bispos.



Quando ela encontra Nono com outros bispos, atira-se a seus pés e diz derramando copiosas lágrimas: "Sou Pelágia, um mar de iniquidades, agitado por ondas de pecados. Sou um abismo de perdição, sou o precipício e a perdição de quantos se deixaram enganar por mim! Mas agora tenho horror de todos esses crimes".

O bispo pergunta-lhe: "Qual é o seu nome"?

Ela responde: "Desde meu nascimento, chamo-me Pelágia, mas por causa do luxo de minhas vestimentas, me chamam de Margarida".

O bispo, acolhe-a com bondade, recomenda-lhe uma salutar penitência, ensina-lhe o temor de Deus, e a regenera com o Santo Batismo.

O demônio que estava por perto, grita: "Quanta tortura sofro desse velho decrépito! Maldito seja o dia em que nascestes para ser meu inimigo, no qual me roubaste a mais cara esperança!"

Uma noite ainda, enquanto Pelágia dormia, o demônio vem acordá-la e diz: "Senhora Margarida, que mau lhe fiz eu? Não te cumulei de todo tipo de riquezas e glórias? Responda, por favor, no que lhe contristei, que logo repararei o erro que fiz. Eu somente te conjuro que não me abandone para não ser objeto de desprezo dos cristãos.

Mas Pelágia faz o sinal da cruz e sopra sobre o demônio que desaparece imediatamente.

No terceiro dia depois do Batismo ela pega tudo o que possui e dá aos pobres.

Mais tarde, Pelágia foge durante a noite, vai ao monte das Oliveiras e, tomando o hábito de religiosa ocupa uma pequena cela na qual serve a Deus praticando rigorosa abstinência, onde desfruta de uma reputação extraordinária.

Passam os anos, e um diácono do Bispo Nono vem a Jerusalém visitar os santos lugares.

O bispo havia informado esse diácono que havia ali uma monja chamada Pelágia, e que era uma verdadeira servidora de Deus.

Este encontra Pelágia mas não a reconhece por causa de sua extrema magreza.

Pelágia pergunta sobre o bispo e pede que rezem por ela.

O diácono se afasta e volta três dias depois. Bate na porta da ermida e ninguém responde.

Resolve então derrubar a janela e vê que Pelágia estava morta. Corre a avisar o bispo que vem juntamente com um grupo de clérigos prestar as últimas homenagens a tão santa mulher.

Todos ficam cheio de admiração, dão graças a Deus, enterram o santo corpo com honrarias.

Isso foi no oitavo dia de outubro do ano do Senhor de 290.

Conversão de São Bruno

Na vida de São Bruno fundador dos Cartuxos, lê-se a ressurreição momentânea de uma personagem respeitável, para atestar diante de muita gente a própria condenação. Paris e toda a França ficaram horrorizadas com este acontecimento; foi então, que Bruno temendo os juízos divinos retirou-se para a Cartuxa afim de levar vida austeríssima.

Morreu Raimundo Diocres, doutor de Sorbona, homem conceituadíssimo pela sua vasta ciência, não menos por uma aparência de virtude. Depois de três dias, seu corpo revestido das insígnias doutorais, foi transportado solenemente para ser sepultado; acompanhavam-no o colégio dos professores, grande número de estudantes, e membros do clero.

As exéquias celebraram-se na Catedral, revestida de luto, entre luzes e muitas inscrições que lembravam a insigne ciência e as virtudes do ilustre extinto. Mas, quando o coro dos cantores chegou àquele trecho do ofício: "Responde mihi: quantas habeo iniquitates et peccata; scelera mea et delicta ostende mihi" onde o Santo Job roga a Deus lhe faça conhecer as suas culpas, o cadáver levantou a cabeça do féretro, e com voz lastimosa exclamou: "Por justo juízo de Deus sou acusado". Dito isso tornou a repousar a cabeça como antes.



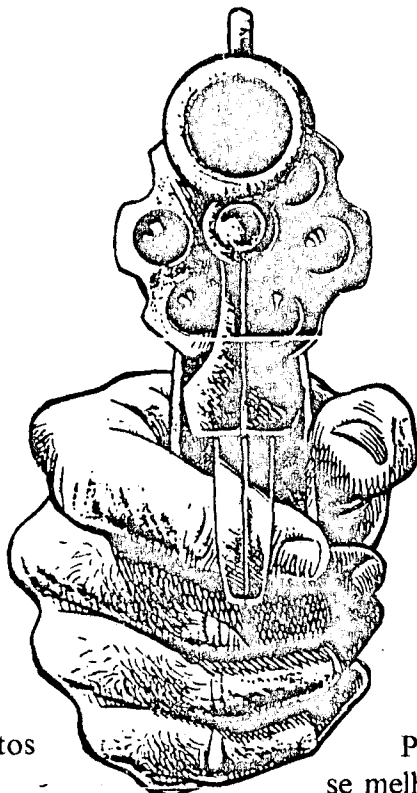
Apoderou-se dos assistentes um temor geral, e resolveram deixar para outro dia os funerais. Neste dia foi muito maior o concurso; recomeçou-se o ofício e, ao chegar as mesmas palavras, tornou o cadáver a erguer a cabeça e a exclamar com voz esforçada e mais lastimosa: "Por justo juízo de Deus estou julgado".



Subiu de ponto o pasmo e o espanto. Resolveram transferir a inumação para o terceiro dia. Neste, foi imenso o concurso; deu-se princípio ao ofício, como nos precedentes; quando se cantavam as mesmas palavras, levantou o defunto a cabeça, em voz horrível e espantosa exclamou: "Não careço de orações. Por justo juízo de Deus estou condenado ao fogo eterno.

É fácil compreender a impressão que faria nos ânimos acontecimento tão extraordinário. Achava-se Bruno presente a este espetáculo; tão fortemente se emocionou com ele que, retirando-se horrorizado, resolveu deixar quanto tinha e enterrar-se em algum espantoso deserto para ali passar a vida entregue unicamente aos rigores da mortificação e da penitência. Parecia necessário um sucesso tão trágico para uma resolução tão generosa..

O problema da CRIMINALIDADE



Os recentes acontecimentos criminais ocorridos em nosso país, nos remetem à indagação de como pudemos chegar ao descalabro que chegamos.

Assaltos, seqüestros, roubos de cargas, tráfico de drogas, fugas de prisões, são constantes em nosso dia-a-dia. E muitos querem saber as razões disso.

Para uns é a miséria que causa esta onda de crimes, e nós discordamos. De um lado a miséria pode gerar mendicância, jamais os crimes em questão. De outra parte, não são miseráveis os que praticam estes crimes.

É preciso que se vejam algumas coisas. O ser humano tem o pecado original, herança de nossos primeiros pais. Temos em nós um fundo mal, que nos puxa para baixo. Por outro lado, somos fracos, e por nós mesmos nada podemos fazer.

Santo Agostinho dizia que não havia pecado no mundo, que alguém houvesse cometido, que ele não poderia vir a cometer.

Diante deste quadro, uma coisa se impõe: o homem precisa do auxílio da graça de Deus para fazer o bem e praticar a virtude. E a graça nos chega pela prática da Religião.

Sim, pela oração e pelos sacramentos podemos obter o indispensável auxílio que precisamos para fugir do mal e trilhar o caminho do bem.

Portanto, sem este subsídio da graça, não se melhora o homem, não se conserta a ele. E, se alguém quiser com firmeza, resolver os problemas da criminalidade, da juventude delinqüente, tem de fazer que se pratique a verdadeira religião, e se receba os auxílios da graça. Sem isso, pode-se construir cadeias, aparelhar a polícia, mas, muito pouco se conseguirá. Só com a mudança dos corações com o auxílio da Religião se obterá resultados eficientes e duradouros.



Mas, aqui nos vem à mente algumas questões; aonde estão as Missões Católicas pregadas nas cadeias? Aonde as vozes a bradar: "Salva a tua alma"? Aonde as idas dos confessores aos presídios, para confessar os presos para reconciliá-los com Deus? Aonde, enfim, as Missões para o povo em geral? Obras de educação religiosa para os jovens? Pensionato para as moças? Enfim, o povo cristão vive atroz abandono.

Quem assumirá a tarefa de levar Deus aos presos, aos jovens, às moças, aos mendigos. Enfim, quem dirá: "Salva a tua alma"?